

"Se você é uma mãe ocupada, vai precisar deste livro"
GARY CHAPMAN, autor de *As cinco linguagens do amor*

Aceitei ~ ser MÃE

Abrace a maravilhosa bênção da maternidade

FAITH BOGDAN

Aceitei ~
ser MÃE

Abrace a maravilhosa bênção da maternidade

FAITH BOGDAN

Capítulo 1

EU? MÃE?

PARA QUEM NÃO NOS CONHECE, pode parecer que Dave e eu planejamos ser pais. Ambos nascemos em lares bem-estruturados: com pai, mãe e quatro filhos. Todos nós íamos à igreja. Sou adepta do ensino domiciliar, legalizado aqui nos Estados Unidos, e aguardo, ansiosamente, pelas segundas-feiras. Dave é um daqueles tipos raros de homem, um “paizão”, que troca fraldas, até de cabeça para baixo, às 3 da manhã. Ele é capaz de dar banho na criança mais inquieta e colocá-la para dormir, levando-a para o quarto imitando um elefante. Somos um casal que, naturalmente, deveria ter desejado formar uma família.

No entanto, há 19 anos, quando ainda éramos namorados, saímos para jantar. No restaurante, Dave e eu observamos uma jovem família em uma mesa próxima. Os pais tentavam conversar e fazer a refeição acompanhados pelo filho de, aproximadamente, três anos de idade. Quando o cardápio encharcado de leite passou a não chamar mais a atenção dele, a criança espirrou *ketchup* por todos os lados. Depois, o menino começou a fazer esculturas com o macarrão e a chorar incessantemente por uma sobremesa.

A mãe, envergonhada, limpou o rosto sujo da criança, embora já tivesse se esgoelado (e estourado nossos tímpanos) tentando repreendê-lo. Quando eles deixaram, apressadamente, o local, perguntei a Dave:

- Então, você ainda quer ter filhos?
- Não mesmo... – ele sorriu, constrangido.
- “Perfeito!”, pensei comigo.
- Nós nos casamos sete meses mais tarde.

A DOCE VIDA SEM FILHOS

Está bem, a decisão de nos casarmos baseou-se em um muito mais do que apenas no desejo mútuo de não termos filhos. Porém, algo estava bastante claro para nós: éramos felizes, não tínhamos preocupações e, se dependesse de nós, uma criança não estragaria isso.

Ao telefone com minhas amigas, nas sextas pela manhã, eu dizia assim: “Oi, querida! Vamos fazer algo hoje à noite? Sair, talvez? Ah, não! Esqueci... Vocês têm **filhos**”. Dave e eu até brincávamos um com o outro em tom sarcástico: “Você não quer tentar ter dois ou três filhos agora?”. Mal consigo lembrar-me daquele tempo...

Porém, lembro-me muito bem de que sempre orávamos juntos. Rodeados de campos de milho, na pequena Barton, no interior do estado de Nova Iorque, nós nos ajoelhávamos perto do sofá de nosso *trailer* e pedíamos a Deus que Ele fizesse conforme pensara quanto ao planejamento da nossa família. Não queríamos filhos, mas, se a vontade dEle para a nossa vida incluísse isso, estaríamos abertos a formar uma família. Sempre pedimos ao Senhor que, se Ele assim quisesse, poderia anular todas as medidas que tomávamos e estragavam o Seu plano para nós. Nenhum de nós queria acordar um dia, aos 50 anos, e perceber, com tristeza, ser tarde demais para ter uma família.

Até hoje, não entendo muito bem a aversão que tínhamos à ideia de ter filhos. Nem tenho certeza de que um dia acordaríamos

pensando em tê-los. Não teríamos uma resposta convincente às pessoas que pudessem perguntar-nos, perplexas: “Como assim vocês não querem uma família?”. Quando vejo um casal sem filhos, imagino que, por algum motivo, não possam gerá-los ou que dedicaram sua vida a proteger os animais e o planeta. São pessoas que compartilham a cama com um bicho de estimação e dão nome às plantas, passando por um período de luto quando as samambaias murcham e morrem. No entanto, esse não era o nosso caso. Éramos egoístas, eu acho.

Passamos os três primeiros anos de casados sem filhos. Eu almejava aprimorar a minha carreira, vislumbrando um Ph.D. As possibilidades eram infinitas: eu me imaginava viajando pelo mundo como jornalista ou me tornando uma colunista militante. Às vezes, eu era a editora-chefe de uma grande revista ou trabalhava na promotoria, processando criminosos perigosos nas altas cortes de Justiça. Eu gostaria muito de escrever que tive de deixar um salário de seis dígitos para ficar em casa dobrando fraldas e limpando bebês: “Sim, foi uma mudança e tanto deixar o mundo dos negócios para ser mãe...”.

Não tinha dúvidas de que pudesse ser quem eu quisesse, mas não gostava de pensar que ser a primogênita dos meus pais era o melhor de mim. Certa vez, disse em uma entrevista de emprego para uma vaga como digitadora de dados que podia processar especificações em sueco para um projeto de trens de alta velocidade. Depois, garanti em outra que poderia servir coquetéis. No entanto, mal sabia a diferença entre um martíni e uma soda. Fui demitida dos dois empregos. Mesmo quando trabalhei apenas para ganhar uns trocados na época da faculdade, como caixa de uma rede de *fast-food*, sem perceber, uma vez, cedo de manhã, cumprimentei um

cliente assim: “Olá, posso abraçar o senhor?”. Olhando para trás, parece que eu nunca servi para trabalhar fora.

Então, se eu fosse mãe, não haveria uma mudança dramática na minha carreira nem seria difícil dizer adeus à função mal remunerada que eu exercia como especialista em recolocação profissional, na qual ajudava pessoas com dificuldades de aprendizado a ingressar no mercado de trabalho. Não obstante, eu achava que engravidar destruiria, para sempre, as minhas esperanças de ser bem-sucedida.

Sucesso para mim não era ter um iate ou uma casa de praia em um paraíso tropical. Quando não estava trabalhando ou sonhando em ser famosa, eu tocava piano, procurava relíquias nas vendas de garagem da vizinhança rica, decorava o nosso *trailer* com meus achados, muitos deles melhores do que os expostos em antiquários, e fazia compras no *shopping* até não poder mais.

Nos finais de semana, Dave e eu fazíamos longas caminhadas pelo campo, saíamos para jantar e dormíamos tarde. De vez em quando, gostávamos de viajar para *resorts* de lua de mel ou de acampar entre as árvores majestosas e os lagos tranquilos das montanhas ao norte de Nova Iorque. Sem crianças, éramos livres, despreocupados, profundamente apaixonados e imensamente felizes.

“BEBÊ DO INCÊNDIO”

Querendo que o nosso dinheiro economizado com o aluguel nos servisse para alguma coisa, compramos uma propriedade do HUD¹, o Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano. Era uma pequena casa em estilo colonial, cor-de-rosa, em Erin, uma cidade vizinha. Esses imóveis eram vendidos a preço baixo para serem reformados. Quase tudo precisava ser refeito, exceto

o alicerce. No entanto, vi potencial naquela pequena estrutura de dois quartos. Nós a imaginamos tornando-se capa de uma revista de decoração, enquanto eu sonhava em passar o dia ao ar livre, fazendo artesanato ou pêssegos em conserva. O quarto extra seria transformado em um escritório ou em um lugar para guardar os materiais de caça de Dave. Seria o lar perfeito para um casal DINC², duplo ingresso, nenhuma criança.

Dave passou um ano, durante os fins de semana, reformando a casa com a ajuda de alguns amigos. Em abril de 1996, encaixotamos todos nossos pertences no *trailer*, ansiosos por nos mudar para a nossa primeira casa. Porém, uma semana antes da mudança, todo o nosso trabalho foi queimado e reduzido a cinzas em um incêndio.

Na noite do incidente, Dave me levou a um hotel para me consolar. Ele deve ter feito isso muito bem, porque, poucas semanas mais tarde, senti sintomas parecidos aos de uma gripe. Algum tempo depois, deparei-me com um teste de gravidez, daqueles que transformam vidas. Logo, as lembranças de ter pedido a Deus que planejasse a nossa família foram substituídas por lágrimas de angústia.

Jamais me esquecerei de como me sentei no consultório da médica, esperando os resultados do exame de sangue, convencida de que os testes de gravidez de farmácia eram pouco confiáveis. Então, uma médica animada, de meia-idade, entrou e perguntou como eu estava me sentindo.

– Acho que posso estar grávida... – murmurei.

– Bem... E você está! – a voz dela ecoou pela sala. A doutora estava empolgada por ser a portadora das “boas-novas”.

De repente, tudo escureceu e a médica pareceu cada vez mais distante, enquanto continuava a falar. Senti um misto de horror e alegria. Não sabia se ria ou se chorava.

Precisando compartilhar aquela notícia com alguém, corri para a casa de uma amiga e bati à sua porta. Lá estava Cynthia, com uma das mãos no aspirador de pó e a outra acariciando a barriga enorme. Era a quarta gravidez dela, mas ainda sentia fortes enjoos matinais.

– Decidi juntar-me a você... – anunciei.

– O que você quer dizer? – ela perguntou. – Veio ajudar-me a limpar a casa?

– Nããão... – sorri, timidamente. – Lembra quando você descobriu que estava grávida e me perguntou se eu gostaria de me juntar a você? Bem... Foi o que eu fiz!

Eu estava tão chocada quanto ela por me ouvir dizer aquelas palavras. Então, gritamos e nos abraçamos.

Depois de sobreviver por três meses ingerindo todo tipo de salgadinhos cheios de amido em que punha as mãos, senti-me melhor por ter o nosso “bebê do incêndio”. Até comecei a ficar mais animada. Decidi que, se ia ter um filho, que, pelo menos, fosse um garoto. Ter uma menina estava fora de cogitação. Grande parte dos cabelos brancos de minha mãe surgiu por causa das minhas travessuras e da minha língua afiada. Colhemos o que semeamos, e eu não queria que essas sementes voltassem para me surpreender.

Além disso, eu achava que meninas reclamavam demais, eram dissimuladas e exigiam muita atenção em todas as áreas; desde a aparência dos cabelos até a solução de conflitos sobre qual delas iria brincar com a boneca. Meninos, por outro lado, eram emocionalmente estáveis e ficavam lindos em suas botas e coldres de caubói. Eu achava justo que Deus desse um filho ao meu marido; afinal, Dave gostava de estar ao ar livre, caçar e pescar. Seria ótimo ter alguém para acompanhá-lo. Em cada ida

às compras, eu me aventurava no departamento de bebês, tocava nas roupinhas azuis, imaginando brim e flanela no nosso pequeno Benjamin David.

Com o dinheiro do seguro da casa, compramos uma cabana nos bosques, ao sul da divisa de Nova Iorque, em Gillett, Pensilvânia. Tinha três dormitórios para acomodar os convidados. Lá, preparei um quarto azul e verde para o bebê com o tema da Arca de Noé.

Na véspera do Ano-Novo de 1996, Dave e eu assistíamos ao filme *Independence day*, na casa de nossos amigos Cliff e Nina Horton. Às quatro horas da manhã, subi e tentei dormir. Porém, meia hora depois, comecei a sentir câimbras recorrentes na barriga. Marquei o tempo: passavam-se exatos cinco minutos entre elas. Desci as escadas com dificuldade, plantei-me na frente da tela e perguntei-lhes: “Como são as contrações?”. Quando Nina começou a descrever, com exatidão, o que eu estava sentindo, sentei-me e percebi algo molhado – a bolsa estourara bem no seu sofá de tapeçaria.

De acordo com Nina, parecia que eu entrara em trabalho de parto duas semanas antes da data. Eu não estava contente com isso por duas razões: primeira, sentia-me despreparada. Eu não tinha “arrumado o ninho”, como dizem que uma mãe deve fazer, instintivamente, antes do parto. As luminárias estavam cheias de pó; não havia comida congelada nem roupa passada para um mês. Como aquele era o meu primeiro bebê, achei que estava atrasada. A maioria das pessoas pensa que todos os primogênitos chegam atrasados, e isso estava bom para mim.

Segunda, eu tinha ficado acordada comemorando o Ano-Novo. Brincamos com jogos de tabuleiro e nos refestelamos com coquetel de camarão, assistindo àquele filme. Eu achava que o bebê podia, pelo menos, ter a cortesia de me deixar dormir no feriado.

Porém, lá estava eu, de pé, na emergência de um hospital, na madrugada do Ano-Novo. Enquanto sentia uma água morna escorrer pelas minhas pernas, encharcando a calça de moletom que eu vestia, apenas repetia: “Eu **não** estou em trabalho de parto!”. Implorei a Dave que me levasse para casa. Ele reprimiu minha ideia com um sorriso que me fez ter vontade de chutá-lo. Uma amiga foi à nossa casa, a meia hora dali, para levar minha mala para a enfermaria. Senti que Deus estava brincando comigo.

Naquela noite, depois de a medicação ter sido administrada ao soro, finalmente entrei em efetivo trabalho de parto. Após duas horas de contrações frequentes, gritei pedindo a analgesia que, tão valentemente, havia recusado o dia todo. Dave chorou, vendo a minha dor. “Tarde demais...”, disse a obstetra. “Chegamos a dez de dilatação!”. Rugindo como uma mulher de alguma tribo primitiva, dei à luz Anna Grace. Era uma menina.

Na manhã seguinte, telefonei para o meu supervisor, diante de uma bandeja de hospital com ovos mexidos e salsichas.

– Sr. Freeman... – eu disse, com a voz embargada. – Aqui é a Faith... A pessoa que o senhor contratou há alguns meses na esperança de melhorar o programa de educação para portadores de necessidades especiais... Bem, parece que eu tive um bebê. Não voltarei ao trabalho.



Ímã de geladeira: *Em seu coração o homem planeja o seu caminho, mas o SENHOR determina os seus passos (Pv 16.9).*



Exame do coração: Que parte da minha vida preciso abraçar de bom grado?

Bibliografia

BUCKMAN, Robert; EZZO, Gary. *On becoming baby wise*. Mt. Pleasant, SC: Parent-Wise Solutions Inc., 1995, 1998, 2001. [No Brasil, editado sob o título *Nana, nenê*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2013.]

BURPO, Todd; VINCENT, Lynn. *Heaven is for real*. Nashville: Thomas Nelson, 2010. [No Brasil, editado sob o título *O Céu é de verdade*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.]

CHAPMAN, Gary. *The 5 love languages*. Chicago: North-field Publishing, 2010. [No Brasil, editado sob o título *As cinco linguagens do amor*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2013.]

COROY, Carla Anne. *Married mom, solo parent* [Mãe solitária]. Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2011.

D. C. Talk; The Voice of the Martyrs. *Jesus freak* [Loucos por Jesus]. Tulsa, OK: Albury Publishers, 1999.

FLINCHBAUGH, C. Hope. *I'll cross the river* [Atravessarei o rio]. Shippensburg, PA: Destiny Image, 2008.

GASHUMBA, Frida. *Frida: chosen to die, destined to live* [Frida: marcada para morrer, destinada a viver]. Lancaster, England: Sovereign World, 2007.

HOCHSTAETTER, Brittany. *Encouragement moms cards* [Cartões de incentivo a mães]. Seymour, IN/Cambridge, Ontario: Lawson Falle Publishing, Inc., a division of Dicksons, Inc., 35138C.

HURNARD, Hannah. *Hind's feet on high places*. Carol Stream, IL: Tyndale house Publishers, 1999. [No Brasil, editado sob o título *Pés como os da corça nos lugares altos*. São Paulo: Ed. Vida, 1989.]

LEMAN, Kevin. *Have a new kid by friday*. Grand Rapids, MI: Revell, 2008. [No Brasil, editado sob o título *Transforme seu filho até sexta*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2012.]

LEWIS, C. S. *The chronicles of Narnia: the Lion, the Witch and the Wardrobe*. New York: Harper Collins, 2005. [No Brasil, editado sob o título *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.]

MACOMBER, Debbie. *One perfect word* [Uma palavra perfeita]. New York: Howard Books, 2012.

OLSON, Bruce R. *Bruchko*. Lake Mary, FL: Charisma House, 1989.

PLATT, David. *Radical: taking back your faith from the American dream* [Radical: abrindo mão do sonho americano]. Sisters, OR: Multnomah Books, 2010.

SORGE, Bob. *Envy: the enemy within*. Ventura, CA: Regal Book, 2003. [No Brasil, editado sob o título *Inveja: o inimigo interior*. São Paulo: BV Films Ed., 2010.]

WHELCHER, Lisa. *Creative correction* [Correção criativa]. Carol Stream, IL: Tyndale House, 2005.

YOUNG, Willian P. *The shack*. Newbury Park, CA: Windblown Media, 2009. [No Brasil, editado sob o título *A cabana*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.]

Videografia

PEACEFUL WARRIOR [*Poder além da vida*]. Direção de Victor Salva. 2006; Santa Monica, CA: Lionsgate, 2006. DVD.

THE FACEBOOK OBSESSION [A obsessão Facebook: Documentário]. Produção de Lori Gordan. 2011; CNBC Originals, Vol. 2. 2ª Temporada. Englewood Cliffs, NJ: CNBC. TV.

THE SECRET LIFE OF BEES [*A vida secreta das abelhas*]. Direção de Gina Prince-Bythewood. 2008; Hollywood, CA: 20th Century Fox, 2009. DVD.